



## **OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ANÁLISE CRÍTICA DA EXPERIÊNCIA DO PAMIN**

Walter Lúcio Dias; Marinalda Pereira de Araújo; Giovana Silva Toscano; Luciana de oliveira  
Chianca

*Universidade Federal da Paraíba-UFPB; walter.luciodias@hotmail.com; Universidade  
Federal da Paraíba-UFPB; mari\_engell@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba –  
UFPB; geovanatoscano@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba – UFPB;  
lucianachiancaufpb@yahoo.com.br*

**RESUMO:** Este trabalho apresenta uma análise sobre os caminhos da Educação Patrimonial como prática educativa que alia o ensino, a pesquisa e a extensão universitária a partir do Projeto PAMIN (Patrimônio, Memória e Interatividade), que envolve o uso de computadores através de um website de uso livre e gratuito, onde a comunidade tem a oportunidade de registrar e divulgar suas expressões culturais e artísticas, a plataforma dispõe de um mapa com localização via GPS, e também por temporalidade. Trata-se de uma ferramenta política, que contribui para a visibilidade das manifestações artísticas e culturais, bem como de seus protagonistas, organizadores e produtores sem visibilidade na mídia local. Esta comunicação apresentará uma análise da ação do PAMIN no campo da educação não-formal; a Oficina Pamin de Educação Patrimonial e Inclusão digital- uma prática educativa buscando a identificação, o reconhecimento e o registro dos atores sociais quanto aos seus patrimônios culturais, muitas vezes desconhecidos, estigmatizados e subvalorizados por seus próprios protagonistas e comunidade envolvente. Através de observação participante, conversas informais, revisão bibliográfica e encontros para reflexões avaliativas semanais, os alunos do ensino médio da Escola Estadual Renato Ribeiro Coutinho construíram novas perspectivas acerca dos patrimônios locais de sua cidade (Alhandra-PB), enquanto os monitores da Oficina elaboravam novas perspectivas para a relação ensino-aprendizagem a partir da educação patrimonial. Procurando despertar um sentimento de apropriação da cultura produzida pela comunidade. Considerando os dois principais atores deste processo, -estudantes do ensino médio e universitários-, como podemos avaliar essa experiência inédita em seus respectivos contextos formativos?



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

**Palavras-chave:** Educação patrimonial, inclusão digital, jovens.

## **INTRODUÇÃO**

As novas tecnologias estão inseridas na vida das pessoas de tal modo que nem mesmo nos damos conta de quão internalizadas estão no nosso dia-a-dia. Cada vez mais nossas atividades diárias estão relacionadas ao uso dessas tecnologias e a amplitude de utilidades que elas nos permitem em apenas um click. Estão por toda parte e é praticamente impossível falar do mundo moderno sem falar dos usos diários das novas tecnologias (PALÁCIOS, 2009). O uso habitual do celular, do computador, do cartão de crédito; para acessar a internet hoje já nem precisamos mais de um computador, pois através de um dispositivo móvel (celular ou tablet), que é facilmente carregado na bolsa, podemos navegar e nos conectarmos à rede.

As relações sociais, agora se configuram dentro de uma nova realidade, ou seja, num contexto virtual. Manifestações políticas e artísticas, encontros e debates agora são discutidos no espaço virtual, através de aplicativos e redes sociais (Facebook, Twitter, WhatsApp entre outros), criados na própria Rede. (CASTELLS, 2006). Assim, seja no trabalho, na escola, em casa, ou em qualquer âmbito da vida estamos nos relacionando com os aparatos tecnológicos, e estes têm influenciado de maneira significativa como os sujeitos sociais tem se relacionado com o mundo ao seu redor.

Neste contexto, os jovens e adolescentes são os que têm acompanhado o aceleração das novas tecnologias, se adaptando com maior facilidade às novas tecnologias:

o computador, assim como o cinema, a televisão e os videogames, atrai de forma especial atenção dos mais jovens que desenvolvem uma grande habilidade para captar suas mensagens.  
(Sancho, 2006, p. 19)

Desse modo, o âmbito acadêmico com suas características específicas não se diferencia dos outros sistemas sociais no que se refere à influência das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC (SANCHO, 2006). As crianças, adolescentes e jovens, tem sido os mais influenciados pelas novas tecnologias, os cenário de socialização e a estrutura social que são inseridos em grande medida é marcado pela presença das TIC, diferentemente do cenário vivido pelos seus pais e professores.

No entanto, a principal dificuldade para transformar esses contextos no âmbito escolar e nas práticas de ensino, com a incorporação de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

tecnologias diversificadas, é o fato de que a tipologia de ensino dominante na escola *é a centrada no professor*. O professor tem um papel fundamental em determinar o que é possível realizar com as TIC em aula. Porém nem todos educadores e muitas vezes nem a própria escola está capacitada ou até mesmo se detém desses aparatos, muitas vezes falta mais capacitação por parte dos professores, do que, por exemplo, de computadores nas escolas. Sendo que essa capacitação é primordial para adequar o uso das TIC com a prática pedagógica de ensino e aprendizagem (SANCHO, 2006, p.19), já que os alunos estão a frente no que diz respeito ao uso e manuseio das TIC.

Procurando aliar práticas educativas com uso de aparatos tecnológicos, o PAMIN (Patrimônio, Memória e Interatividade) desenvolve a partir de eixos tecnológico e sócio antropológico, oficinas de Educação Patrimonial e inclusão digital. É a partir dessas atividades desenvolvidas, que procuro elencar neste relatório uma análise crítica das oficinas realizadas pelo PAMIN, bem como a experiência das oficinas para monitores e alunos (participantes).

Assim o primeiro eixo concerne na construção de plataforma virtual ([www.pamin.lavid.ufpb.br](http://www.pamin.lavid.ufpb.br)), a proposta é que seja um espaço gratuito e democrático para a

divulgação de eventos artísticos<sup>1</sup> culturais, que não aparecem na divulgação da mídia local. Além de servir como um espaço de divulgação online, o site também tem uma característica particular, ou seja, ser um “acervo” dos eventos cadastrados, assim, sempre que a pessoa cadastrar um evento, ele permanece podendo ser visto depois por quem acessar o site. A sua proposta é catalogar e divulgar eventos artísticos culturais que não são visualizados e divulgados através da mídia local.

O eixo sócio-antropológico concerne à prática das Oficinas de Educação Patrimonial e inclusão digital. As oficinas concerne o processo de atividades e planejamentos em execução. Conteúdos são trabalhados e discutidos com os alunos (jovens e crianças). Os conteúdos e teorias trabalhados, bem como os aparatos tecnológicos visam facilitar e tornar mais dinâmica as aulas – fugindo da monotonia corriqueira da sala de aula tradicional – de modo que desperte interesse do aluno e que possa haver a interação destes com os monitores. Assim, as discussões sobre patrimônio, memória e identidade e cultura digital despertam nos alunos o

---

<sup>1</sup> Manifestações artísticas protagonizadas por atores sociais da periferia, essas manifestações. Esses eventos geralmente/ normalmente são de grupos locais da capital, que moram em bairros estigmatizados pela mídia local.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

interesse e a curiosidade para seus bens culturais, que muitas vezes não são reconhecidos nem por eles e nem pelas outras pessoas que fazem parte do grupo, do bairro ou da comunidade.

O propósito é que eles percebam “a noção de patrimônio, enquanto um bem coletivo, um legado ou uma herança artística e cultural por meio dos quais um grupo social pode se reconhecer enquanto tal” (ABREU, 2007, p, 267). Inclusive que eles possam também se reconhecer enquanto protagonistas atuantes das manifestações e que se identifiquem com o legado e a herança artística e cultural de sua cidade, de seu bairro, de sua comunidade.

A ação do PAMIN, a partir da Educação Patrimonial, pode ser importante para despertá-los quanto à identificação dos patrimônios (material, imaterial) de sua cidade, levando em consideração o papel dos monitores como educadores, e a relevância deste para o aprendizado dos caminhos da educação patrimonial.

Assim foi possível analisar a importância do conteúdo das oficinas e o uso dos aparatos tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem (SANCHO, 2006). Bem como a importância da preparação dos monitores do PAMIN como educadores. É possível elencar como os alunos (jovens e crianças) percebem a importância da discussão a cerca de patrimônio, para despertá-los o olhar em relação às manifestações artísticas, saberes de sua comunidade ou do grupo em que fazem parte (seja ele um grupo de teatro, dança, de esporte, da Igreja, ou como morador de um lugar onde cada um atribui valor, sentimento de pertença) e se percebem como protagonistas dessas manifestações.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos se desenvolveram a partir da revisão bibliográfica e, essencialmente, da observação participante e conversas direcionadas, tendo em vista que os sujeitos da pesquisa eram monitores, e alunos que participam das Oficinas de Educação Patrimonial, realizadas pelo programa de pesquisa e extensão PAMIN.

A pesquisa foi realizada a partir de uma parceria do PAMIN. As oficinas aconteceram com os estudantes da Escola Estadual Renato Ribeiro Coutinho da cidade de Alhandra- PB com faixa etária entre 15 até 17 anos, no período de 29 de março até 24 de maio de 2014.

A partir da observação participante, conversas direcionadas, participação direta nas atividades foi possível perceber como os monitores



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

desempenham o papel de ministrantes das Oficinas de Educação Patrimonial, e relacionam-se com os alunos (crianças e jovens) de diferentes idades, series e contextos sociais, e notar como estes percebem e se identificam com os patrimônios materiais e imateriais locais (da cidade e do bairro); e como são trabalhadas as temáticas referentes a cada sessão, utilizando aparatos metodológicos – tais como o uso do computador para a interação no site, uso de vídeos, data show – como elementos importantes na aplicação das temáticas.

## **RESULTADOS**

O projeto consiste numa didática que possa melhorar a relação ensino aprendizagem, tenta levar os alunos a um aprendizado mais dinâmico e prático relacionando teoria e prática. Como se trata de um projeto multidisciplinar, relacionar os conteúdos ministrados nas aulas é uma tarefa um pouco difícil e portanto requer mais tempo e preparo do professor, por esses motivos, Os caminhos pelo qual o PAMIN executa suas oficinas de Educação patrimonial e inclusão digital procura aliar praticas pedagógicas de ensino, com a utilização, e uso das TIC como uma maneira de facilitar o entendimento das aulas e torná-las dinâmicas e mais atrativas para os alunos. Por exemplo, as atividades são realizadas com o uso de materiais como vídeos assistidos online, pelo notebook e projetados pelo data-show, mostra a utilização do computador como um dos elementos primordiais, uma vez que, o principal intuito das oficinas é divulgar e tornar o site ([www.pamin.lavid.ufpb.br](http://www.pamin.lavid.ufpb.br)) uma ferramenta política por onde os grupos artísticos, e outros atores sociais possam divulgar os eventos do bairro eventos organizados por estes, de maneira democrática e gratuita, Os monitores organizam as aulas com os respectivos temas de acordo com o número de sessões. Em cada sessão trabalham temas e material metodológico concernente para cada discussão. As temáticas desenvolvidas abordam sobre Identidade, Memória, Patrimônio cultural (material/imaterial), Cultura Digital e Diversidade Cultural.

Os monitores procuram trabalhar os conceitos em cada sessão, patrimônio, memória, identidade e cultura digital de modo que estes sejam associados ao cotidiano dos alunos e tentam fazer com que estes percebam na prática cotidiana sua atuação enquanto protagonistas das manifestações culturais. Nesta prática estão presentes a memória individual e coletiva, portanto é importante para eles perceberem os diferentes patrimônios culturais (material e imaterial) e como esses patrimônios marcam a história do lugar, e marcam a memória.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Noto a relação que se estabelece entre monitores e alunos, é uma interação muito importante nessa prática de ensino – aprendizagem, diria que é um fazer despertar, numa relação de trocas e experiências tanto para quem aprende como para quem ensina. E penso que não seria possível essa troca de experiências e conhecimentos se não fosse a preparação e planejamento dos monitores.

Percebe-se a priori que na fala dos alunos a idéia de cultura a qual se atem, está arraigada muitas vezes a uma idéia elitista, também a idéia de cultura ainda está intimamente voltada para as manifestações artísticas (capoeira, quadrilha, coco, principalmente capoeira). Mas a noção de cultura discutida perpassa as manifestações artísticas, a cultura está no modo de fazer, cultura é o cotidiano deles, é a “pelada” dos jovens, é brincadeira de cobra cega, é a ida ao mercadinho, é o sentar na calçada e prosa com o vizinho, é a prática de fazer panela de barro, experiência essa que foi passada de gerações. A figura 3 mostra um cartaz de atividades sobre diversidade cultural a partir do olhar e da percepção dos próprios alunos. trabalho com os alunos da ONG Fé e Alegria. Ao mostrar que eles são produtores de cultura percebe-se até certo susto ou mesmo caras de dúvida espanto. A percepção de que seus hábitos cotidianos devem ser pensados como culturais nem sempre é um processo que se dá de dentro pra fora, sendo importante algumas vezes que essa percepção seja construída a partir do olhar de quem é de fora.

É exatamente o que acontece com as oficinas de Educação Patrimonial (PAMIN) numa relação dialógica entre monitores e alunos vai se construído e descobrindo como os sujeitos se percebem como construtores culturais. A ação extensionista, diferente da tecnicista presa pela relação dialógica entre ambas as partes, ou seja, para quem é da comunidade e para quem é de fora (FREIRE, 2002). Prezar a importância do diálogo é primordial, uma vez que é através dele que o pesquisador pode se ater as particularidades individuais dos atores pesquisados. Quanto à extensão é importante para a troca de conhecimento, e nessa troca há sempre um despertar para quem está inserido na prática. De um lado pode-se entender o porquê da rejeição de um determinado grupo em relação aos seus bens culturais e patrimoniais, e por outro lado com a visão de quem é de fora podemos auxiliar a despertar um novo olhar – para quem é de dentro – quanto a seus bens culturais material e imaterial.

Neste sentido as atividades desenvolvidas com os alunos, a respeito da memória, identidade e do patrimônio nos permite perceber e analisar o papel da formação das oficinas de educação patrimonial desenvolvida pelo PAMIN. Assim, podemos chegar a algumas considerações.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

É possível notar o discurso dos alunos e perceber o sentimento de “valorização” pelos patrimônios (material/imaterial). Também foi possível perceber no discurso de alguns ainda certo medo e receio, mas, ao mesmo tempo, um discurso de quem se propôs a conhecer o “desconhecido” e que está muito próximo (e distante) em virtude do estigma que o rodeia.

Foi através do discurso dos alunos que, percebemos como estes enxergam seus patrimônios, seja através da ótica de um discurso sensacionalista divulgado pelos meios de comunicação de massa seja, por um discurso massivo de medo construído por quem desconhece os patrimônios, e o estigma que acarretam sobre este.

A ação desenvolvida nas oficinas, a partir dos caminhos da Educação Patrimonial tem o intuito justamente de perceber esse estigma que a afasta os sujeitos de seus bens, é tentar desmistificar esse discurso de desvalorização muitas vezes arraigado ao discurso de “medo”, resultando no não reconhecimento e identificação com o mesmo. E tentar através das conversas que ocorre nas oficinas sempre buscando, durante visitas através de aulas de campo, os patrimônios e fazer com que os alunos despertem para eles tornando-os (re)conhecidos. Daí a importância do papel dos monitores como educadores neste processo. A importância que se dá ao discurso e a relação dialógica (perspectiva freiriana) estabelecida entre monitores e alunos.

Mesmo se preparando teoricamente, discutindo textos, o campo nós mostra outra realidade. Nele não há nada ensaiado, daí muitas vezes o espanto em nos depararmos com situações que nos deixam sem muita possibilidade de ação no momento em que acontece, são as “saias justas”. Ou seja, mesmo havendo toda preparação e planejamento de aulas, há os contratempos, atrasos, readaptação de horários e adaptações a planejamentos de aulas. Discussões que muitas vezes os monitores não estavam tão preparados para discutir com os alunos. Um desses momentos aconteceu na ONG Fé e Alegria, quando as crianças indagaram a respeito de uma praça que eles a denominavam como a “Praça da Macumba”<sup>2</sup>, mesmo sem conhecer o que significa macumba. A “Praça da Macumba” foi várias vezes mencionada pelos alunos, durante algumas aulas, principalmente quando foi exposto um documentário de Mario de Andrade a respeito das tribos de índios. A situação em que começaram a chamar a “praça da macumba” foi quando viram uma tribo de índio específica, aí começaram a rir, a fazer comentários depreciativos, se referindo aos cultos religiosos africanos.

---

<sup>2</sup> Expressão dos próprios alunos.  
(83) 3322.3222



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Os monitores logo começaram a explicar a diversidade religiosa, fruto da diversidade cultural, as diferentes identidades de povos que constitui a cultura brasileira, que é justamente marcada pela diversidade. Também explicaram que cada religião tem um ritual diferente e é preciso respeitá-las, bem como as pessoas que fazem parte dela. Os alunos ouviam com muita resistência, pois volta e meia repetiam algum comentário relacionado à macumba. E mesmo com um discurso depreciativo e demonstrando certo “medo” na aula de campo, um dos lugares que escolheram visitar foi a “Praça da Macumba”. Na visita foi ressaltada, mais uma vez, a importância do respeito pela cultura do outro.

Falar sobre religião é sempre uma discussão delicada, e mesmo os monitores não enfatizando o assunto como tema principal debate, os alunos acabam tocando no assunto em vários momentos das discussões.

Com os alunos da Escola Estadual da cidade de Alhandra, a religião e principalmente a religião Jurema, foi bastante discutida. Mesmo Alhandra sendo conhecida internacionalmente como a cidade da Jurema e por esta árvore ser um dos patrimônios naturais da cidade, a religião e seus praticantes são estigmatizados.

O discurso de medo que imperava na fala dos alunos era constante, mais logo notava-se que os próprios não conheciam com afinco, e não tinha procurado conhecer algo tão próximo deles. No decorrer das oficinas, e principalmente através da aula de campo, onde foi realizado na cidade de Alhandra – PB, uma visita aos patrimônios materiais da cidade, quando um dos destinos seria um Centro Espírita de Jurema. Fomos à casa de um praticante da religião onde ele nos recebeu em seu quintal onde tem alguns pés de Jurema e onde é o Centro Espírita de Jurema Mãe Jardecilha. No local conhecemos o cruzeiro, um dos símbolos da religião, e Lucas (o juremeiro que nos recebeu) falou do estigma que sofre um praticante da jurema, e como foi o processo para que o mesmo se reconhecesse. No final da oficina notei um discurso mais tolerante e menos temeroso quanto à jurema que, mesmo sendo um patrimônio local reconhecido pelos de fora, era temido e desconhecido pelos de dentro.

Observando uma discussão entre alunos (crianças) e monitores a respeito do uso de computadores – na sessão onde seria abordada a temática sobre cultura digital como um elemento metodológico no aprendizado acadêmico – pude notar que as crianças preferiam a utilização dos computadores para a realização de atividades em sala de aula, porém o que se percebe é que esses usam esse meio apenas para acessar *Facebook*, ver vídeos no *Youtube* e jogar. Não demonstrando interesse em outros tipos de





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

site (com conteúdos educativos). O conhecimento deles quanto ao manuseio do computador é básico, sem muita profundidade: sabem digitar, copiar e colar frases no *Facebook*, contudo nem todas as crianças tinham acesso a internet no âmbito doméstico utilizando apenas no laboratório da escola onde estudam, embora alguns possuíssem celulares modernos, computador ou *tablet*.

Por outro lado a discussão a respeito da cultura digital tratada com os jovens da Escola Estadual de Alhandra constata que os alunos – jovens neste caso, estão intimamente ligados a cultura digital, a maioria dos alunos sabem manusear com maior facilidade as novas tecnologias os aparelhos como *notebook*, celular, além de utilizarem todas as novidades de redes sociais, por exemplo, o *Orkut* (que atualmente já não existe), o *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp* entre outros. Estes tem maior facilidade de utilizar o computador e são mais familiarizados com essa ferramenta.

O antropólogo Antônio Risério (2009) aponta que no Brasil a cultura digital não atinge a todos, o debate em torno da inclusão digital, não pode se separar da discussão da inclusão social. O fato de existir internet em todos os lugares, não quer dizer que todas as pessoas terão acesso.

Mesmo atentando para o uso de metodologias que facilitassem o aprendizado bem como o entrosamento nas aulas noto que as atividades desenvolvidas no laboratório de informática tiveram certas dificuldades no que diz respeito a dispersão das crianças. Os monitores por si não tem como manter o controle dos alunos e nesse ponto encontra-se dificuldade em apresentar os conteúdos pertinentes, inclusive como utilizar o site PAMIN. Algumas vezes o site esteve fora de sistema dificultando a realização de cadastramento de eventos no mesmo. A interação no site é umas das propostas fundamentais das Oficinas, mas algumas vezes foi impossível acessá-lo, devido falha do sistema.

A apresentação do site é essencial nas Oficinas, a oficinas buscam nortear os sujeitos no encontro desses com seus patrimônios culturais, propõe uma reconstrução de sua identidade quanto a seus bens culturais e quanto as suas práticas cotidianas, quando os sujeitos se percebem como protagonistas de manifestações culturais, quando eles enxergam que, as celebrações, os objetos, as pessoas mais idosas de sua cidade, de seu bairro também constrói e configura todo o conjunto cultural de seu lugar. Assim a Educação Patrimonial é fundamental para que os atores sociais possam perceber o site como uma ferramenta de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

empoderamento. Ou seja, o site PAMIN é um espaço virtual democrático além de gratuito, onde qualquer pessoa pode divulgar eventos artísticos.

Duas ou mais aulas são direcionadas especialmente para apresentar o site, falar sobre a importância dessa ferramenta e como saber fazer o cadastro e divulgar eventos. Normalmente essas aulas são ministradas pelos estudantes da área tecnológica (Engenharia e Ciências da Computação e Ciências da Informação). Nessas aulas é fundamental o uso do computador, para que os alunos possam interagir no site ([www.pamin.lavid.ufpb.br](http://www.pamin.lavid.ufpb.br)).

No entanto, surgem alguns contratemplos que marcam com bastante frequência essas aulas, pois algumas vezes o site acaba não sendo mostrado aos alunos on-line, e sim por slides, também não é possível realizar cadastros e cadastrar eventos, pois o site ficava fora do ar. Mas quando isto não acontece e quando não tem nenhuma outra falha técnica, os alunos fazem seus cadastros e cadastram eventos.

De maneira geral todos os alunos das oficinas não apontam dificuldades em acessar o site. Para os as crianças, a maior dificuldade enfrentada é o fato de nem todas possuírem email. Os jovens acessam rapidamente e fazem cadastros sem dificuldade. O necessário para qualquer usuário, é que este saiba ler e escrever e saiba minimamente manusear um computador. A única exigência para se cadastrar no site é que o usuário tenha um email pessoal.

Para alguns monitores a questão do tempo, o horário para a realização das oficinas por sessão não tem sido suficiente para trabalhar as temáticas e a realização das dinâmicas. Assim também como o ajuste de horários por parte dos parceiros limitação do calendário, o fato de não poder expor<sup>3</sup> materiais que foram desenvolvidos com os alunos.

---

<sup>3</sup> Aconteceu na Oficina na ONG Fé e Alegria, os materiais das atividades desenvolvidas com os alunos não poderiam ficar expostos na sala de aula, tendo apenas um pequeno espaço em um mural, para colocarmos os desenhos feitos em cartolinas. Estes eram em cartolinas recortadas em formato de mandacaru. Também na mesma ONG os monitores tiveram que adequar todas as sessões aos horários impostos. Algumas turmas tiveram desfalque quanto ao tempo de durabilidade das sessões devido a atividades internas da ONG que aconteciam no mesmo horário.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Ana Isabel O. e SÁ, Maria Helena A. B. A. Didática da língua estrangeira. Porto: Asa, 1992.

ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SANTOS, Santa Marli Pires. A ludicidade como ciência. Petrópolis: Vozes, 2001.

TEIXEIRA, Carlos E. J. A ludicidade na escola. São Paulo: Loyola, 1995.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)